



Todos os anos, quando chega a noite de 23 para 24 de junho, o fogo volta a tomar conta de praças, praias e campos. Fogueiras, saltos rituais, desejos escritos em papéis, palavras como *energia, solstício, renascimento, magia*. Muitos acreditam estar celebrando algo antigo, pré-cristão, quase “apropriado” pela Igreja. No entanto, a realidade histórica, teológica e espiritual é exatamente o oposto: **a noite de São João tem uma origem profundamente cristã e bíblica**, e foi o neopaganismo moderno que tentou esvaziá-la do seu verdadeiro significado.

Este artigo tem três objetivos: **desmontar o mito, recuperar a verdade católica e oferecer um guia espiritual atual** para viver esta festa como aquilo que ela realmente é: uma celebração de **São João Batista**, o último dos profetas e aquele que preparou o caminho do Senhor.

1. São João Batista: o único santo cujo nascimento a Igreja celebra

Há um fato que muitos desconhecem e que já deveria nos tornar desconfiados das narrativas neopagãs:

☐ **a Igreja celebra liturgicamente o nascimento de apenas três pessoas:** Jesus Cristo, a Virgem Maria... e **São João Batista**.

Por quê? Porque João não é um santo qualquer. Ele é a ponte entre o Antigo e o Novo Testamento, a voz que clama no deserto, o amigo do Esposo.

O Evangelho segundo São Lucas narra o seu nascimento com riqueza de detalhes, cheio de sinais, profecia e alegria:

|| «Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu ventre» (Lc 1,41).

E mais adiante:



«Completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e ela teve um filho. Os seus vizinhos e parentes ouviram que o Senhor lhe tinha feito grande misericórdia, e alegravam-se com ela» (Lc 1,57-58).

Desde o início, **a vida de João está associada à alegria, à luz e à preparação para o encontro com Cristo.**

2. Por que o dia 24 de junho? A chave está no Evangelho

Aqui está um dos argumentos mais belos — e ao mesmo tempo mais esquecidos — da tradição cristã.

O nascimento de São João é celebrado **seis meses antes** do nascimento de Jesus, exatamente como indica o Evangelho:

«No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré...» (Lc 1,26).

Mas há algo ainda mais profundo:

- **A partir de 24 de junho, os dias começam a diminuir.**
- **A partir de 25 de dezembro, os dias começam a aumentar.**

Coincidência? De modo algum.

São João explica isso com uma frase que resume toda a sua espiritualidade:

«É necessário que Ele cresça e que eu diminua» (Jo 3,30).

A luz física do sol começa a diminuir após o nascimento de João, porque ele não é a Luz, mas aquele que dá testemunho da Luz. E a luz começa a crescer novamente após o nascimento



de Cristo, o **Sol nascente que vem do alto** (cf. Lc 1,78).

Isso não é paganismo: é **teologia encarnada no cosmos**.

3. O fogo de São João: um símbolo cristão, não uma magia ancestral

O fogo sempre foi um **símbolo bíblico**. Da sarça ardente a Pentecostes, Deus manifesta-se frequentemente por meio do fogo:

- O fogo que purifica
- O fogo que ilumina
- O fogo que protege
- O fogo que consome aquilo que não vem de Deus

São João Batista anuncia claramente esse simbolismo:

«Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu... Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo» (Lc 3,16).

As **fogueiras de São João** nascem dessa compreensão cristã:

- **o fogo como preparação**, não como idolatria.
- **o fogo que anuncia Cristo**, não que o substitui.

As fogueiras não eram acesas para “honrar o sol”, mas para **recordar que João veio preparar os corações**, queimar o pecado e chamar à conversão.

4. O mito do “solstício roubado pela Igreja”

Uma das grandes narrativas modernas afirma: «*a Igreja cristianizou uma festa pagã do solstício*». Essa afirmação apresenta vários problemas sérios:



1. **Não existem provas históricas sólidas** de uma festa pagã universal em 24 de junho com fogueiras como as atuais.
2. Muitas práticas chamadas “ancestrais” **são recriações românticas dos séculos XIX ou XX**.
3. A Igreja primitiva **não tinha poder cultural suficiente** para “impor” festas; o que ela fazia era **dar um significado cristão à vida real dos povos**, não apagá-la.

O que aconteceu foi exatamente o contrário:

□ **o cristianismo deu um significado profundo aos símbolos naturais**, integrando-os na história da salvação.

O neopaganismo moderno, por sua vez, faz o oposto: **remove Cristo dos símbolos e os deixa sem um horizonte transcendente**.

5. São João Batista: uma mensagem de urgente atualidade

Numa época que foge do silêncio, do arrependimento e da verdade, **São João Batista é incômodo... e justamente por isso necessário**.

A sua mensagem não era “energia positiva”, mas conversão.

Não era “conectar-se com o universo”, mas preparar o coração para Deus.

Não era autoafirmação, mas humildade radical.

■ «*Convertei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo*» (Mt 3,2).

Celebrar São João hoje significa **voltar a fazer a nós mesmos estas perguntas**:

- O que preciso queimar na minha vida?
 - Quais atitudes me afastam de Deus?
 - Estou preparando o caminho do Senhor ou colocando a mim mesmo no centro?
-



6. Como viver hoje a noite de São João como cristão

Longe de rejeitar a festa, o cristão é chamado a **recuperá-la**.

Algumas propostas simples e profundas:

- **Acender uma vela ou uma pequena fogueira** com uma oração, não como rito mágico, mas como símbolo de purificação.
- **Ler os trechos do Evangelho sobre São João Batista** (Lucas 1 ou João 3).
- **Escrever aquilo que precisa ser deixado para trás** e oferecê-lo a Deus em oração.
- **Dar graças pela vida, pela fé e pelo chamado à conversão.**
- **Viver esse momento em família**, explicando às crianças quem foi São João e por que ele é tão importante.

Não se trata de “cristianizar” o que é pagão, mas de **reconectar-se com aquilo que sempre foi cristão**.

7. Conclusão: devolver ao fogo a sua verdadeira luz

São João não é um pretexto para uma noite de excessos nem um ritual vazio. Ele é um **grito profético** que continua a ressoar hoje.

«*Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*» (Mt 3,3).

As fogueiras não são magia.
O fogo não é um deus.
A noite não é um portal energético.

Tudo aponta para Cristo.

E talvez, em meio ao barulho, à fumaça e às falsas luzes do nosso tempo, **São João Batista continue ainda a apontar com o dedo** e a repetir, como então:



«Eis o Cordeiro de Deus» (Jo 1,29).

Que esta festa, em vez de ser roubada, **seja recuperada**.

Que o fogo volte a iluminar, e não a confundir.

E que nós, como João, aprendamos a diminuir... para que Cristo cresça. ☩†